

MACEIÓ, MAIO DE 1949. UMA TRAGÉDIA¹

José de Oliveira Junior²

Resumo: Analisa a possível relação entre a Tragédia Grega e a Tragédia Moderna. Utilizaram-se como suporte empírico os acontecimentos ocorridos na cidade de Maceió no ano de 1949. A partir de um fenômeno natural: tromba d'água, constatou-se à época uma desestruturação da cidade e de seus moradores, caracterizando-se como um fato histórico-social e, desse modo, resultando em uma catástrofe do trágico na vida do ser humano. A pesquisa se deu através do método documental e de entrevistas com moradores do bairro do Poço em Maceió. O resultado demonstrou que na Modernidade a tragédia não se caracteriza como fonte de aprendizado, diferentemente dos gregos.

Palavras-chave: Cotidiano, Memória, Pensamento Social e Sociedade.

Abstract: Analyzes the possible relationship between the Greek Tragedy and Modern Tragedy. Were used as empirical support the events in Maceió in the year 1949. Since a natural phenomenon: waterspout, it was found the time a city breakdown and its residents can be characterized as a historical-social fact and, thereby, resulting in a tragic disaster in human life. The search was performed using the documentary method and interviews with Poço neighborhood residents in Maceió. The result showed that the tragedy in Modernity is not characterized as a source of learning unlike the Greeks.

Keywords: Daily Life, Memory, Social Thought and Society.

1. Descrevendo a Tromba D'Água: uma catástrofe e a tragédia

A cidade e seus habitantes seguiam o percurso normal de sua cotidianidade, quando aconteceu a catástrofe que recobriu a terra de água, devastando e levando os indivíduos a viver uma quebra radical no fazer diário.

Nesse contexto, a catástrofe (Tromba d'Água) pode ser compreendida como um acontecimento súbito que levou à tragédia (desestruturação nefasta na vida das pessoas).

¹ Artigo revisto e revisado apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 1º e 4 de junho de 2008, Porto Seguro/Bahia, Brasil.

² Professor de Sociologia IFAL – Campus Maceió. Mestre em Sociologia.



Foto 01. Vista da Praça Costa e Silva. Acervo Professor Dr. Luiz Sávio de Almeida.

Vivia-se uma época de grandes acontecimentos político-sociais nos panoramas nacionais e internacionais devido ao fim da 2ª Guerra Mundial e à implantação da Guerra Fria³. Os países capitalistas temiam o comunismo, e, por esse motivo, vigiavam Partidos de oposição a fim de que os seus organizadores não corrompessem os demais cidadãos de sua boa moral e bons costumes. O Estado de Alagoas era governado por Silvestre Péricles de Góes Monteiro, grande perseguidor dos comunistas. Em sua opinião todo aquele contrário ao seu modo de governar era um comunista. A cidade de Maceió era administrada pelo Prefeito João Vasconcelos.

No dia 5 de maio de 1949, recebia-se a notícia, pelos jornais, de que o inverno chegara; e, segundo Silveira (1963), o clima de Alagoas apresenta duas modalidades: o do litoral, quente e úmido refrescado pelas brisas marítimas, e quente e seco, mas saudável, no interior. As chuvas geralmente começam em março e terminam sempre em setembro.

Carvalho (1980) diz que o regime das chuvas é regular, mesmo que haja as pequenas variações nos começos ou nos fins das duas principais estações. O inverno em Alagoas era anunciado e junto com ele as chuvas que caíam, poderia trazer sérios transtornos, posto existirem muitos buracos em vários pontos da cidade.

³A história da Guerra Fria tem início após a II Guerra Mundial, quando Estados Unidos e União Soviética entram na disputa pelo domínio ideológico do planeta. É uma guerra de acusações e busca de novas tecnologias e ideologias para dominar os sujeitos no/do mundo.

Um médico⁴ – que não quis se expor nos jornais – denunciava o Estado pela falta de saneamento, o descaso com a saúde nos municípios e, na capital, a falta de médicos, enfermeiros(as) e materiais hospitalares. Os cidadãos não estavam tendo um bom atendimento nos postos de saúde e nos hospitais. E nenhuma providência concreta e imediata era tomada em benefício da saúde pública.

Em relação à cidade encontrava-se esburacada, em virtude, além do desgaste natural do uso, por perfurações feitas nas ruas por empresas de água e saneamento a fim de implantarem canos e serviços de esgoto; esses buracos, que não eram adequadamente fechados como deveriam, ficavam expostos nas ruas sem que nenhuma providência fosse tomada.

Em 12 de maio de 1949 chega a notícia de que a cidade de Fortaleza havia se convertido numa grande lagoa. Devido à tromba d'água que nela desabou incessantemente e deixou seus moradores em pânico diante da destruição e atônitos com tanta água que jorrava do céu. Começava-se a receber prenúncios do que viveríamos dentro de alguns dias.

As autoridades, então Prefeito e Governador, prometem nos jornais tomar medidas severas contra as empresas que perfuravam as ruas e as deixavam esburacadas. Porém, não havia nenhuma ação concreta e a cidade continuava como estava – e daí para pior. Isto, porque, os governantes sempre prometeram (prometem) e nunca cumprem com o prometido, porque não existe uma cobrança e pressão por parte da população em reivindicar seus direitos.

Em 18 de maio de 1949, foi divulgada em todos os jornais da capital a grave situação encontrada em virtude de fortes chuvas que caíam sobre esta terra: “*Chuvas torrenciais caem sobre todo o Estado. Mais de vinte e quatro horas de pesados aguaceiros. Inundada toda a cidade em virtude das fortes chuvas e falta de um perfeito escoamento – desabamento – não há notícia de acidentes*” (*Jornal de Alagoas*, 18 de maio de 1949).⁵

Em apenas 24 horas de fortes chuvas toda a cidade alagava-se. Começava-se a viver uma situação de caos e destruição. Não havia um eficiente escoamento pluvial e

⁴ Notícia recolhida do *Jornal de Alagoas*, maio de 1949, sobre nosso serviço de atendimento médico para a população de nosso estado. No jornal não consta o nome do médico que fez a denúncia.

⁵ A grafia que se encontra no corpo do texto, das citações do jornal que menciono, encontra-se de acordo com o original recortado do *Jornal de Alagoas* de 1949, pois era a ortografia utilizada na época. O jornal utilizado nesta pesquisa foi o *Jornal de Alagoas*, pois não foi possível ter acesso a outros jornais da cidade.

não existia sistema de drenagem⁶. As águas torrenciais que caíam inundavam ruas, calçadas, e adentravam pelas casas. Até então, os governantes estaduais e municipais nunca se preocuparam com a urbanização organizada de nossa cidade, e sobre a população uma vez mais recaía um preço muito alto, um pesado ônus.



Foto 02. Trecho do Camartelo. Águas tranquilas e casas submersas. Nível 4.80 cm. Em 17 03 49. Foto do Acervo Professor Dr. Luiz Sávio de Almeida.

Nas ruas completamente alagadas submergiam os transeuntes que nelas tentassem passar. O único transporte a transitar por certas ruas eram canoas e jangadas. Essa era a situação em alguns bairros de nossa capital. Os riachos do Salgadinho e Reginaldo tornaram-se sobrecarregados com o grande volume d'água que recebiam nesses dias de fortes aguaceiros e, em função do seu transbordamento, as casas que se encontravam ao seu redor sofriam ameaças de desabamentos.

Nos pontos baixos da cidade, onde persistiam ruas com aqueles buracos perfurados para abastecimento d'água e serviço de saneamento, a lama tomava conta e complicava ainda mais a vida das pessoas. Nas ladeiras dos Martírios e Catedral as águas desciam como verdadeiras cachoeiras. Essa era a situação da cidade em apenas um único dia de pesadas chuvas. Mal se sabia que essas águas perdurariam por mais alguns longos dias, esticando a noção do tempo.

Ainda em 19 de maio de 1949, as chuvas torrenciais persistiam sobre a cidade de Maceió e a situação tornava-se cada vez mais crítica devido ao crescente volume das águas dos rios e lagoas. Tanto a capital como os municípios interiores praticamente submergiam, e os flagelados nada podiam fazer. Vivia-se uma das tragédias mais

⁶ *Jornal de Alagoas*, 18 de maio de 1949.

arrebatadoras de que se tinha notícia. Os jornais estampavam em suas páginas as notícias da chuva, relatando toda a sua consequência para a capital e para o interior, e mostravam ao mesmo tempo como o fazer cotidiano de seus habitantes estava sendo alterado.

Em consequência das fortes chuvas que persistiam em cair, “*Barreiras ruíram no Farol, na entrada do Poço e em Bebedouro*”⁷, tornando assim a situação ainda mais grave. Com o desabamento das barreiras apareceram nos jornais as primeiras notícias de mortes – porém, com todo o aguaceiro que caía na cidade havia alguns dias e, devido à falta de uma melhor informação por parte dos jornalistas e autoridades em relação a esta catástrofe, podemos dizer que não foram essas as primeiras mortes, mas as mais brutais de que tínhamos tido notícias nos últimos tempos e nos últimos dias. E, com a queda das barreiras, acontecia um novo cenário para a tragédia.

No dia 21 de maio a cidade começava a voltar ao seu curso, as águas que caíram já não se faziam mais presentes, mas ainda sofria-se com toda a calamidade pela qual os habitantes tinham sido solapados. Os jornais publicavam o tamanho dos prejuízos que foram trazidos pelas águas, resultado do descaso político dos governantes.

Após os dias de intensas e ininterruptas chuvas, transbordamentos, desabamentos, mortes, o que passou a preocupar a sociedade foi o alastramento de surtos de doenças endêmicas. Sofria-se naquele momento com o fantasma de doenças como tifo⁸ e paratifo⁹. Temia-se o alastramento de doenças e sentia-se um verdadeiro terror frente a uma epidemia.

Os auxílios começaram a chegar de vários estados do território, assim como também das mais variadas entidades públicas e particulares que se sensibilizaram com a situação. A Cruz Vermelha de Pernambuco enviou medicamentos e gêneros alimentícios e também uma junta de estudantes de medicina, bem como alguns profissionais da área médica, a fim de socorrer nossa população¹⁰. No interior havia a

⁷ *Jornal de Alagoas*, 19 de maio de 1949.

⁸ Tifo: s.m. (G. Typhos, estupor). Nome genérico sob o qual antigamente se reuniam doenças infecciosas febris, que provocam estados tóxicos graves, com redução ou perda do conhecimento. Várias doenças ou grupos de doenças foram desintegrados dessa denominação genérica, restando o nome sob forma latina, Typhus, para o grupo das febres exantemáticas – Tifo exantemático europeu, febre das Montanhas Rochosas, tifo murino, etc. No Brasil, denominava-se vulgarmente tifo e febre tifoide, que os ingleses chamam “Enteric fever” e os alemães tifo abdominal (Typhus abdominalis, em consequência da afinidade dessa doença para o interstino, V. febre Tifóide. (...). Dicionário Médico. **FORETES**, Hugo e **PACHECO**, Genésio. Editor: Fábio M de Mello. Rio de Janeiro. S/d.

⁹ Paratifo s.m. O mesmo que paratifóide. Paratifóide adj. e s.f. Semelhante à febre paratífica ou paratifóide; semelhante ao bacilo Tífico (Salmonella Typhi). IDEM.

¹⁰ *Jornal de Alagoas*, 22 de maio de 1949.

preocupação sobre como seria feita a distribuição de alimentos e medicamentos, pois não se tinha como chegar a muitas localidades, porque as estradas de rodagem estavam completamente destruídas. Uma das alternativas pensada foi jogar os alimentos através dos transportes aéreos. As pessoas já estavam passando mais fome do que o costume nos municípios do estado; alguma providência, portanto, teria que ser tomada imediatamente.

Em Maceió uma campanha contra o alarmismo estava sendo desenvolvida junto à população, pois muitos começaram a criar estórias mirabolantes em virtude do que aconteceu e começaram a criar especulações sobre o que viria.

A vida da população depois de um longo tempo estava retornando ao normal. E, segundo alguns entrevistados, os dias pareciam não passar. Muito ainda precisava ser feito para que tudo estivesse em condições de funcionamento, porém, como não existiam muitos materiais de remoção de escombros e nem pessoas qualificadas para executarem devidamente as obras, tudo estava sendo reconstruído aos poucos, é verdade. O fornecimento de água e iluminação estavam funcionando. O tráfego para o bairro de Jaraguá, após a construção de uma ponte de emergência, estava sendo feito através do bairro do Poço, e, também quando a maré se encontrava baixa, através da Avenida Duque de Caxias. A cidade gradativamente, e muito gradativamente, passava a retornar ao seu curso diário.

2. Catástrofe e Tragédia: articulações entre vida e arte

Toda esta situação catastrófica aconteceu no mês de maio, nos dias 18, 19 e 20: 70 horas de chuvas quase que ininterruptas. Uma catástrofe da natureza que levou a uma tragédia. Pouco ou quase nada se sabe sobre essa Catástrofe/Tragédia. Etimologicamente, de acordo com Seligman-Silva (2000), a palavra “catástrofe” é proveniente do grego e significa “virada por baixo”. Essa tradução literal é extremamente densa de significado e demonstra a experiência subvertendo as formas íntimas de operação do cotidiano. É uma experiência que pode atingir o âmago de uma sociedade.

“Catástrofe” é uma palavra grega que significa desenlace, desfecho, é uma das últimas partes da tragédia teatral. De acordo com Pavis (1995, p. 41), “A catástrofe não está necessariamente ligada à idéia de acontecimento funesto, mas às vezes, àquela conclusão lógica da ação”. Neste trabalho, conceituamos tragédia como “canto do

bode”, ou seja, uma peça teatral que representava uma ação humana funesta e que por muitas vezes terminava em morte(s). Nos dias atuais, “tragédia” passou a significar algum infortúnio trágico e desligou-se do sentido clássico dado pelos gregos. Alguns moradores da cidade lembram-se da catástrofe que levou à tragédia, pois ficou marcada e registrada para sempre em suas memórias e vidas.

Quando aconteceu a catástrofe a cidade encontrava-se muito esburacada, parecia não existir um cuidado sobre a mesma, daí as consequências arrasadoras maximizadas pelas chuvas que por aqui caíram. Havia um descaso de nossas autoridades políticas locais e federais, passava-se por uma grave desestrutura no que diz respeito à urbanização.

A catástrofe é um acontecimento inesperado e pode atingir radicalmente a vida das pessoas. O inverno, com suas chuvas, é sempre esperado pela experiência cotidiana da população, mas uma tromba d’água é inesperada.

Por mais rigoroso que fosse o inverno, jamais iria assemelhar-se à força da “tromba d’água”, expressão popular que nos conduz à imagem de uma torneira permanentemente aberta para jorrar as águas do céu. O que nos remete a Antonin Artaud (1993), quando diz que “não estamos livres e o céu pode desabar sobre nossas cabeças”.

A catástrofe, conforme nos ensina a tragédia grega, provoca encadeamentos de ações que a humanidade semeia em sociedade e que acarretam em algo inesperado e destruidor. A catástrofe significa que algo de extraordinário e desolador aconteceu na vida de um indivíduo, em sua cidade ou sociedade na qual vive, e que modifica por completo o curso normal das coisas e das vidas das pessoas. Literalmente, uma catástrofe é uma virada para baixo é a modificação das coisas da vida cotidiana dentro de uma sociedade a partir de uma ação “equivocada”, seja da natureza ou do humano.

A obra de arte dramática – Tragédia – assim como a obra de arte de uma forma em geral, tem como intuito mostrar as inquietações que a humanidade sente em sua relação com a vida interna e externa, assim como organizar o caótico do mundo. O artista procura descrever para os demais cidadãos como vê o mundo e as relações sociais.

Devido às injustiças sociais que começaram a ocorrer, no século VII a. C., as lutas entre a aristocracia e as classes populares começaram a tomar grandes proporções. E a arte grega – Tragédia – começou a ser pensada e encenada com uma perspectiva ideológica e educacional.

A arte trágica pode ser considerada uma das maiores façanhas já criadas no mundo pelo espírito humano. Os gregos conseguiram com sua arte acalmar o espírito de seus cidadãos. Colocaram todos a pensar em uma modificação social que seria necessária à sociedade e sua humanidade. Alertaram para que fossem em busca de um caminho seguro que contribuísse para que se desse uma modificação socio-estrutural-cultural dentro da sociedade.

É a partir das festas ([*éoprai*, *heortai*]) dionisíacas que surge o Teatro (Tragédia) grego. A palavra grega “Tragédia” quer dizer: “canto do bode”, e refere-se provavelmente ao ritual de sacrifício de um bode que era apresentado e sacrificado ritualmente em honra de Dioniso.

Na Tragédia o indivíduo da ação deveria elevar-se a todas as desgraças que o acometiam, ou seja, deveria transcender sua consciência, pois seria dessa maneira que chegaria até o desfecho final da ação da trama. O indivíduo portador de vontades em potência deverá sempre procurar uma forma de livrar-se do infortúnio trágico que lhe é imposto, isto porque assim é a vida do homem que está em busca de suas vontades.

Ao contrário de Dioniso, para o qual foi preparado um local para que exercesse seu cotidiano escondido de todos, quando nascemos já encontramos tudo preparado para nossa chegada. Família, sociedade, cidade, cultura, política, etc., encontramos todas as instituições prontas e preparadas para nos receber. A nossa vida cotidiana não se encontra separada da história, ela é, e sempre será, história. O indivíduo é o centro do acontecer histórico, pois os grandes feitos narrados nos livros sobre História, Literatura... partem do cotidiano e a ele retornam. “A vida cotidiana é a vida do indivíduo. O indivíduo é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico” (HELLER, 1992, p. 19).

Nascemos numa cotidianidade previamente estabelecida e somos levados a cumprir as nossas funções diárias. A única maneira de conseguirmos objetivação duradoura em nossas vidas cotidianas é através da arte e da ciência, pois o reflexo artístico e o reflexo científico rompem com a Tendência espontânea do pensamento cotidiano, “Tendência orientada ao Eu indivíduo-particular. A arte realiza tal processo, porque, graças à sua essência, é autoconsciência e memória da humanidade” (HELLER, 1992, p. 29).

A História é algo que cada um de nós passa a construir, mas nem sempre temos essa consciência.

Na sociedade moderna a cultura passou a ser vista e vivenciada apenas como um produto de consumo – uma necessidade. A criatividade é o que procuramos nos tempos modernos para (re)organizar nossos conceitos de cultura e arte, bem como nosso modo de viver e ser.

Vivemos um tempo onde a banalização e os sentidos mercadológicos das coisas estão a todo instante nos empurrando para um abismo sem precedentes. A catástrofe ocorre em nossas vidas e pode ser vista como um Espetáculo – Tragédia, como executada no Teatro, termo que deriva do grego *thea*, visão, logo, um lugar para se ver, olhar, observar.

Foi uma catástrofe da natureza que trouxe a tragédia acontecida no mês de maio de 1949 na capital alagoana, com a queda das águas que jorravam do céu sem parar sobre as cabeças.

Os fatos aqui passados ficaram marcados profundamente nas memórias de muitos moradores do estado. A história vivida ficou marcada para sempre nas vidas daqueles que tudo perderam e que viram e sentiram de perto tamanha catástrofe. “A memória seria o ‘lado’ subjetivo de nosso conhecimento das coisas” (BOSI, 1998, p. 47).

E é sobre esse conhecimento das coisas passadas que a Sr.^a Maria José nos falou que “Começou a chover e o pessoal, quando foi tarde da noite, arrumaram tudo e começaram a sair”.

A Tragédia não é uma imitação do Ser Humano é uma ação com intenção ambivalente. Uma ação é a vontade humana em modificar algo, pois quem pratica determinadas ações sabe muito bem onde deseja chegar. A vontade consciente de uma ação conduz-nos a um resultado ao qual previamente estabelecemos, pois “O indivíduo dramático recolhe os frutos dos próprios atos” (PALLOTTINI, 1983, p. 33).

3. Considerações finais

Nada no mundo é puro e belo e nem tampouco nos é oferecido gratuitamente. Para todas as coisas no mundo existe um porquê, pois as ações dramáticas se dão a todos os instantes. A ação dramática em nossas vidas se dá no aqui e agora, cotidianamente.

Esta Tromba D’água que caiu sobre a capital alagoana remeteu-nos a uma realidade de vida em que jamais se poderia sequer pensar. Os indivíduos foram solapados por um fenômeno que fugia por completo do domínio e que trouxe o

inesperado e o inimaginável. Não podiam controlar o que acontecia e tampouco prever que haveria destruição de uma hora para outra com tamanha fúria.

Sentiram na pele o peso das águas sem que pudessem fazer nada para mudar a situação. Presos a esse acontecimento catastrófico, a única coisa que restava era lamentar e se reorganizar. Tudo ocorreu de uma maneira surpreendente e levou-os a vivenciar um cotidiano jamais pensado.

As águas trouxeram consigo um contexto trágico através dessa Tromba D'água, porque todo o contexto de vida da sociedade foi alterado; muitas pessoas morreram. Uma catástrofe sempre é algo desolador e angustiante que causa tragédia.

Quando uma catástrofe se abate dentro de uma sociedade, de uma cultura, percebemos quão frágeis e desprotegidos somos diante do intangível, do aparentemente inexplicável e de tantas destruições que se proliferam. Vivemos num mundo cheio de novidades desagradáveis e, por isso, indesejáveis.

A natureza pertence a um reino que não podemos dominar integralmente tampouco controlar, podemos parcialmente prever, embora nem sempre tenhamos a certeza de que realmente irá acontecer determinado fenômeno previsto pelos cientistas.

A natureza sempre foi tratada com indiferença pela humanidade. Sempre a deixamos em segundo e, às vezes, até em terceiro, quarto plano, pois não conseguimos entendê-la em toda a sua diversidade nem a respeitamos quanto ela deveria ser respeitada. Essa mesma natureza que tanto desprezamos, às vezes, e quase sempre, nos surpreende com sua força e seu poder. É capaz, por exemplo, de destruir uma cidade. Seu poder pode ser de uma força surpreendente e destruidora.

A semelhança existente entre uma tragédia real e uma tragédia teatral é o rompimento abrupto que ocorre no cotidiano de vida das pessoas devido a uma situação funesta e destruidora. A catástrofe (no cotidiano da vida) é real. A Tragédia – espetáculo teatral – se nutriu do cotidiano, mas não é real, é uma representação do real.

O contexto histórico em que surge a encenação da Tragédia é um momento muito peculiar, porque corresponde a um estado particular de articulação entre o mito e a razão, onde essas categorias entram em conflito e onde é preparada a vitória final do pensamento.

O governo passou a valorizar a arte de uma maneira em geral na Grécia, porque passou a perceber a importância dessas atividades dentro de uma sociedade e o poder ideológico que a mesma carrega consigo na transformação de mentalidades. A arte modifica o pensar e o agir, pois nos traz uma reflexão sobre os acontecimentos do

mundo. Mas a arte surge também nesse contexto como meio de dominação, porque é incorporada ao culto religioso de um povo.

Na Tragédia grega os homens se sentiam mais ou menos enraizados e em casa, isto é, no mundo no qual eles se encontravam. Pois a Tragédia era uma encenação dos fatos trágicos ocorridos no mundo e em sociedade. Na tragédia Grega, a matéria-prima das histórias criadas e encenadas partia da mitologia e a ela retornava, porque os mitos eram, em sua forma bruta, horríveis e trágicos. A tragédia tinha por finalidade não torturar, mas encantar.

De uma maneira muito peculiar os gregos já haviam percebido que a Tragédia era um encadeamento de ações inerentes à vida dos seres humanos. Por isso, toda catástrofe pode provocar uma tragédia, porém, nem toda Tragédia é proveniente de uma catástrofe. A palavra “trágico”, no mundo de hoje, é completamente desvinculada daquela que os gregos utilizavam em seu cotidiano de vida.

O trágico encontra-se inserido dentro do rompimento da medida, ou seja, na desmedida, porque é o acaso que rege nossas horas, e quem manda são aqueles que detêm o poder de impor para os sujeitos de uma sociedade como deve ser o seu fazer diário. Pois “o indivíduo dramático recolhe os frutos dos próprios actos”. (HEGEL, s/d, p. 286).

Na tragédia grega os protagonistas se sentiam pertencentes e vivos no meio do qual faziam parte. Na modernidade, o protagonista trágico passou a enxergar em sua morte o fim adequado para sua existência, ou melhor, para sua não existência. O protagonista trágico é uma representação do real.

A Tragédia Moderna encontra-se fundamentalmente interligada com essa sensação de dúvida de todas as coisas. E a alienação é um dos fatores primordiais para que possamos entender o herói trágico na modernidade. Enquanto que na Grécia Antiga os protagonistas nunca alcançavam a sua morte, pois morrer seria algo terrível que poderia acontecer, em consequência, o sofrimento passaria a ser eterno, na modernidade o protagonista passou a encontrar em sua morte o fim necessário para suas angústias cotidianas.

4. REFÊRENCIAS

ARTAUD, Antonin. **O Teatro e seu duplo**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BOSI, Ecélia. **Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CARVALHO, Cícero Péricles de. **Formação Histórica de Alagoas.** Ed. Grafitex. Maceió – Alagoas, 1980.

CABRAL, Otávio. **O Trágico e o épico pelas veredas da modernidade.** Maceió: EDUFAL, 2000.

HEGEL. **Estética: poesia.** Guimarães e C^a Editores. São Paulo. S/d.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História.** Paz e Terra, 1992.

PAVIS, Patrice, **Dicionário de Teatro.** São Paulo: Perspectiva, 1995.

PALLOTTINI, Renata. **Introdução à Dramaturgia.** São Paulo: brasiliense, 1983.

SELIGMAN-SILVA, Márcio(Org.). **Catástrofe e Representação: ensaio.** São Paulo: Escuta, 2000.